

# O que valem tais afirmações?

*Sarney*  
Em sua *Conversa ao Pé do Rádio*, o presidente José Sarney, ao referir-se ontem à política econômica e seus executores, fez declarações que merecem todo o nosso aplauso. Oxalá correspondam a uma firme e duradoura posição do presidente! Como, porém, pediu ele, não a seu ministro da Fazenda, mas a outros economistas, soluções para a crise atual, pareceres duvidoso que tais declarações expressem a posição final do primeiro magistrado da Nação, que não poucas vezes se empolgou com planos econômicos que lhe granjeavam popularidade e que depois repudiou, com energia, ao se revelarem inoperantes...

O presidente reafirmou solenemente que pretende manter a política econômica atual, que ataca as causas estruturais da inflação, que consistem, para ele, no déficit público. Frisou que, para se reduzir esse déficit, o meio mais eficiente é cortar despesas. Foi mais longe, pois reconheceu que sua opção por uma política sem "fórmulas mágicas" e sem congelamento tinha um custo político

alto, pois só dará resultados a longo prazo. Mas, segundo o presidente, tais resultados serão mais duradouros.

São teses que vimos defendendo, há muitos anos, alertando o governo para o perigo de optar por medidas heterodoxas, sem atacar o mal nas suas raízes, isto é, sem cortar o déficit público. Os jogos de palavras, porém, têm iludido a opinião pública quanto aos resultados do combate contra o déficit. Referimo-nos ao déficit operacional (que não inclui as correções cambial e monetária) em relação ao PIB, que, de 5,46%, em 1987, deveria cair para 4% este ano. Quanto ao déficit nominal, porém, que foi de 29,5% no ano passado, poderá subir para 36,6% no presente exercício. Como quase 40% da riqueza gerada pela Nação são absorvidos pelo pagamento do déficit público, percebe-se a extrema gravidade da atual situação.

Foi essa monstruosidade que plasmou no País a mentalidade inflacionista, que a tudo desvaloriza. Com a expectativa de inflação, to-

*Sarney*  
dos cuidam de proteger-se contra a perda de poder aquisitivo e muitos tentam abocanhar uma fatia maior do bolo. Promove-se deste modo uma conspiração contra a moeda estável. Mas não são apenas os valores monetários que desaparecem, pois estes arrasam também os valores morais.

É lastimável que somente agora o presidente da República se aperceba da necessidade de atacar as verdadeiras causas da inflação, arriscando-se até a tornar-se impopular. Mas a popularidade é por muitos confundida com a fama de liberalidade e de espírito democrático. Talvez o presidente venha a descobrir que a sra. Margaret Thatcher, primeiro-ministro do Reino Unido, conquistou sua popularidade por meio de uma política impopular...

Em sua *Conversa ao Pé do Rádio*, o presidente reiterou total apoio aos ministros Mailson da Nóbrega e João Batista de Abreu. Mas, se o sr. José Sarney confia neles, deveria agir conformemente a esse sentimento de confiança.

Compreende-se que o presidente da República solicite estudos que mostrem soluções alternativas para a política econômica, mas deve caber a seus ministros indicar tais alternativas e ponderar os prós e os contras de cada uma. Não podemos entender, entretanto, que o presidente, sem ouvir seus ministros, peça a outros economistas que lhe apresentem esboços de política econômica contrários à linha que seguem seus ministros.

A vida econômica depende muito mais das reações psicológicas dos que a vivem do que de deliberações tomadas pelo governo. Com sua conduta, o presidente José Sarney instilou uma pernicioso indecisão nos círculos dos negócios e concorreu para este surto inflacionário, que a cada dia se torna mais difícil controlar. Diante da inflação, que, nestes próximos meses, continuará elevada, dará ele toda a força a seus ministros da área econômica ou preferirá dar ouvidos aos que o cercam e tentam convencê-lo de que somente os lances teatrais produzem resultados políticos?